

Comentários sobre conferência de Lacan “Freud no Século”

João Rego¹

Recife, 8 de Fevereiro de 2007.

Resenha sobre a conferência de Lacan no centenário de nascimento de Freud, no Hospital Salpêtrière, Maio de 1956,. *in* Seminários de Jacques Lacan, VOL III As Psicoses pp. 263-277. Ed Zahar.1985.

Introdução

Lacan, convidado para falar sobre Freud, inicia sua palestra apresentando algumas direções naturais para falar sobre o fundador da psicanálise, ensaia um ou dois caminhos por onde não vai, e depois, sem nenhuma complacência, mergulha na teoria freudiana.

Faz esse mergulho, apresentando em Freud, traços bastante evidentes do *significante*² na estruturação do inconsciente.

Está ele em 1956, ano do seu terceiro seminário, que trata do tema das psicoses, e é possível perceber sua motivação para, em uma simples palestra comemorativa, não perder tempo com filigranas e fatos históricos sobre Freud. Vai direto ao que mais lhe interessa: a necessidade de levar sua originalíssima interpretação de Freud, utilizando-se dos recursos da lingüística e da filosofia, à comunidade acadêmica.

Há, em seu discurso, uma urgência reveladora de alguém que se sabe detentor de uma descoberta com radicais implicações na clínica psicanalítica e sobre todo o universo da psicanálise.

Remete não ao estudo biográfico de Freud, ou as influências da cultura judaica, mas sim às três obras que define como autobiográficas, a saber: *A Interpretação dos Sonhos*, *Psicopatologia da Vida cotidiana* e *Os Chistes e suas relações com o inconsciente*.

“ Se a descoberta da psicanálise é justamente a de ter reintegrado na ciência todo um campo objetivável do homem e a de ter mostrado a sua supremacia, e se esse campo é aquele do **sentido**, por que procurar a gênese dessa descoberta fora das significações que seu inventor encontrou em **si mesmo** na via que o conduzia a ela, por que procurar em outro lugar que no registro em que esta deve se isolar com todo rigor? (LACAN, Jacques – 1955-1956 p 267)”

Há, aqui, uma advertência de Lacan. Freud não pode ser lido como se lê a obra de um romancista, ou de um cientista, como naturalmente fazemos, abstraindo o autor da obra. Para se compreender a gênese e a originalidade transformadora do pensamento freudiano, é necessário lê-lo através dos efeitos que sua descoberta causou em seu próprio corpo e alma. São essas as “significações que seu inventor encontrou em si mesmo” as quais ele se refere.

Isso é também da mesma ordem do que ocorre na formação do analista, a leitura de seus sintomas, atravessada pelo saber de Freud, Lacan e outros.

Segue, falando que o objetivo da sua palestra é ‘*mostrar o relevo próprio, atualmente apagado, da obra de Freud*’. Faz uma severa advertência ao atual ensino da psicanálise e da forma como é interpretado o pensamento freudiano, fazendo-o deslizar para uma prática clínica da ortopedia do eu. Para Lacan, a psicanálise não é uma forma mais elevada de ‘*penetração intuitiva e de comunicação fácil com o paciente*’. Não se trata de ler Freud de forma intelectualizada e apressada, mas sim de tentar compreendê-lo em sua verdadeira perspectiva, sua nova dimensão, a dimensão do significante.

Cita o exemplo do termo frustração, inserido na obra de Freud pelos tradutores ingleses, com tudo que ele comporta de ‘abandonismo e de relação de dependência’ como um termo que não se encontra na obra de Freud. Chama de *noções bastardas* a forma de abordagem de conceitos freudianos como: prova de realidade, relação de objeto, contato afetivo, experiência vivida, identifica tudo isso como conceitos estranhos à inspiração da obra de Freud.

Manda-nos abrir a *Interpretação dos Sonhos* e saca o sonho onde a palavra *Autodidasker*³, construída por condensação no sonho, traz em seu bojo várias significações, forjadas pela trama dialética do desejo e da censura, no sonhador. Decompondo essa palavra, vêm significantes como Askel, desdobrando-se até chegar a Alex, irmão de Freud, onde nas causas motivadoras do sonho há desejos conflituosos em Freud, sobre o reconhecimento dele como judeu na comunidade acadêmica, a preocupação com a morte, por doença venérea, e ainda, de forma sutil, referência a jogos sexuais infantis, homossexuais.

Desafia-nos a abrir em qualquer parte a *Interpretação ...* para encontrar exemplos nos quais o significante revela-se como a instância estruturante do inconsciente.

“Vocês acharão sempre uma sucessão de homônimas⁴, ou de metonímias⁵ de formações onomásticas⁶ que são absolutamente essenciais à compreensão do sonho, e sem as quais este se dissipa, se esvaece.” (LACAN, Jacques 1955-56 p270)”

Criticando aqueles que estão fazendo a dissolução da obra de Freud, através de uma interpretação insuficiente da mesma, se pergunta como um papel tão fundamental (o significante) pôde ser omitido durante tanto tempo, e quase como quem nos apresenta um espelho de Alice, nos conduz ao que, considero o grande salto epistemológico lacanianao sobre a obra de Freud:

‘Naturalmente nós compreendemos por que. O que se exprime no interior do aparelho e do jogo do significante, é algo que sai do fundo do sujeito, que pode chamar-se de seu desejo. Desde o momento em que esse desejo é preso no significante, é um desejo significado. E então todos nós ficamos fascinados pela significação desse desejo. E nós, nos esquecemos, apesar dos lembretes de Freud, do aparelho significante’ (LACAN, Jacques p 270)

Não parece uma excelente orientação para a clínica psicanalítica? Não é essa a função do analista, quando na sua escuta, filtrar as significações do discurso do analisante e ater-se ao significante que determina a estrutura desejante que opera o sujeito?

Aqui, o desejo, esse conceito abstrato, misterioso, que filósofos, pensadores, poetas e escritores, vêm falando ao longo de séculos, está preso ao significante, ou seja, preso a algo da linguagem,

da ordem do simbólico, só que na psicanálise, o Eu é enganado, ludibriado. Encontra-se excluída da sua percepção, a possibilidade de ascender às causas desse desejo. Esse Eu é apenas objeto e sofre o efeito desse desejo.

“Freud tornou a encontrá-la (refere-se às relações do homem com a linguagem. Lacan está falando da Retórica) em sua prática médica, quando se deparou nesse campo em que são vistos os mecanismos da linguagem dominar e organizar sem o conhecimento do sujeito, fora do seu eu consciente, a construção de certos distúrbios que se chamam neuróticos. (LACAN, Jacques. P. 271)”

Lacan finaliza essa parte da palestra, enfatizando a absoluta necessidade de se entender Freud através do registro da lingüística, ou seja, utilizando-se da análise lógica e gramatical para se compreender as formações do inconsciente.

“Aí está o relevo da obra freudiana, sem o que nada do que ele desenvolve a seguir nem sequer é pensável.” (LACAN, Jacques 1955-56 p 271)”

No último trecho da palestra, remete seu discurso à apresentação do conceito de sujeito freudiano, o sujeito ao inconsciente e das suas relações com a estrutura significante que opera o inconsciente.

“Qual é esse outro que fala **no** sujeito (consciente), e de que o sujeito (consciente) não é nem mestre, nem semelhante, qual é o outro que fala **nele**? Tudo está aí. (op. Cit. P.273)”

Destaquei nessa frase de Lacan o fato dele citar a condição de lugar, **no** e **nele**, ou seja, não é uma fala que fala **para** o eu. O **no** e **nele** implicam em ‘lugar de’. Aqui é o absurdo do descentramento do sujeito (até então o Eu) da descoberta freudiana do inconsciente. Esse Eu é subordinado, e disso não tem controle, a essa instância que fala nele, nesse lugar que é, mesmo que inacessível à consciência, a mais pura essência do ser.

Há ai uma ruptura. É sobre ela que Lacan coloca o simbólico para suportá-la.

“Se não houvesse significantes para suportar essa ruptura, esses despedaçamentos, esses deslocamentos, essa transmutações, essas perversões, essas isolações do desejo humano, este não teria nenhuma dessas características que fazem o fundo do material significativo que a análise dá. (op.Cit p.273)”

Aqui eu levanto uma dúvida, ou questionamento para provocar nossa reflexão. Se Lacan tão bem coloca esse despedaçamento do sujeito, fendido pelo desejo inconsciente, marcado pelo significante, nos levando a crer que tratar-se de algo ontológico, por que ele no final do parágrafo reduz tudo à psicanálise? Será o inconsciente freudiano algo que opera no ser mas que só se evidencia, ou tem qualquer relevância no universo da psicanálise? Essa relação constitutiva do ser - Eu-sujeito do inconsciente- dilacerada pela insistência do desejo inconsciente se esvaece se for abordada por qualquer outra área do conhecimento? Só tem **sentido** dentro relação transferencial, em análise?

Segue Lacan, remetendo a conceitos já profundamente trabalhados em seu Seminário 2⁷ sobre o eu como função de miragem.

“Pois nesse discurso do outro, o que creio ser eu não é mais sujeito, mas objeto. É uma função de miragem, onde o sujeito só se reconhece como desconhecimento e negação. (op.cit. p 273)”

A fórmula lógica para o que diz acima seria (eu não sou ele), eu sou alienado do meu ser, mas é através da relação especular com o outro que me constituo como **não ele**.

O termo ‘discurso do outro’ remete novamente a ordem simbólica, que é por onde toda nossa humanidade trafega em sua existência. Em tudo, é necessária a linguagem para fazer-se presente em existência.

Discorre, em seguida, sobre a teoria do Eu em Freud, destacando no movimento da teoria freudiana uma dupla alienação: a primeira é a existência desse outro imaginário, lembrando que é nessa relação imaginária com o outro que se instala a *Selbst-Bewusstsein*, ou consciência de si, frágil, portanto, pois fruto de uma miragem..

“Não é de maneira alguma nesse sentido que pode realizar-se a unidade do sujeito. (O eu nem mesmo é o lugar, a indicação, o ponto de reunião, o centro organizador do sujeito, é profundamente dissimétrico a ele.(op.cit. p.274))

A outra alienação é para dentro do ser, *‘Há também o outro que fala de meu lugar, aparentemente, esse outro que está em mim.’..É um outro de uma natureza totalmente diferente da do outro, meu semelhante.*

Lembra, para enfatizar a necessidade de se compreender essa função imaginária do Eu na relação transferencial, em uma análise, onde tudo deve ser feito para que essa não se estabeleça de forma predominante e não domine o trabalho da análise.

“Tudo é feito para que tudo se apague de uma relação dual, de semelhante a semelhante” .

Destaca o grande salto teórico dado por Freud entre 1920 e 1924, com a relevância dada ao automatismo da repetição, como insistência de uma fala.

Finaliza sua apresentação abordando o pensamento social de Freud, que chama da “antropologia freudiana” defendendo o freudismo da crítica deste sistema de pensamento ser um irracionalismo, mas sim um suporte de uma razão, onde o homem é mais vítima que senhor, que pela qual é de antemão condenando.

Lacan aponta para uma questão que perpassa toda a obra de Freud.

“Como esse sistema do significante sem o qual não há nenhuma encarnação possível, nem de verdade, nem de justiça, como esse *logos* literal pode ele ter controle sobre um animal que não tem o que fazer com ele, e que com ele não se preocupa? Pois isso não interessa em grau algum suas necessidades. É, no entanto, isso mesmo que faz o sofrimento neurótico. (op.cit p.276)”

Para Freud a inserção do homem na cultura, e, portanto, na ordem simbólica, saindo do estado de barbárie, se dá pelo mito do assassinato do pai da horda primitiva⁸. Esse mito ele sustentou até o fim.

“O homem é efetivamente possuído pelo discurso da lei, e é com esse discurso que ele se castiga, em nome dessa dívida simbólica que ele não cessa de pagar sempre mais com sua neurose. (op. Cit 276)”

Lacan aponta para o anti-humanismo de Freud, como um contraponto ao romantismo, situando-o numa “tradição realista e trágica” da humanidade.

Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela linguagem (op.cit 276)

Creio que esta inspiração freudiana, situando o homem e a cultura na dimensão de uma tragédia, têm importantes implicações para a **prática** da psicanálise, sendo a mais evidente delas a compreensão de que o sintoma psicanalítico é algo do homem, que vai mais além da doença – (esta vista pela ótica organicista da medicina), posto que é marca, efeito do conflito insolúvel entre a pulsão e a cultura que funda nossa humanidade.

¹ João Rego – Psicanalista membro do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise (www.traco-freudiano.org) Site pessoal www.psicanalise.org.
Te. 81 . 8879.3516

² Significante - Em seu *Curso de Lingüística Geral*, [Ferdinand de Saussure](#) descreveu um signo como uma combinação de um *conceito* com uma *imagem sonora*. Uma imagem sonora é algo mental, visto que é possível a uma pessoa falar consigo própria sem mover os lábios. Mas em geral, as imagens sonoras são usadas para produzir uma elocução.

Ou seja, um signo consiste de:

- um conceito - ou seja, o *significado* (*signifié*)
- uma imagem sonora - ou seja, o *significante* (*signifiant*), ou forma fonológica em termos generativos.

Em termos simples um signo lingüístico é toda unidade portadora de sentido. (fonte .wikipedia.com)

Ainda sobre o significante:

Lacan y el Psicoanálisis

Uno de los principales 'correctores' de lo que Saussure ha dicho respecto al Significante y al significado es [Lacan](#); la modificación en la explicación que de significante y significado hace Lacan, será fundamental en el devenir de la [psicología](#), en especial en lo atinente al [psicoanálisis](#): Lacan, "rompe" el encierro (el círculo) en que Saussure suponía al significado y al significante; invierte primero la situación de ambos: el significante (Ste.) es ubicado "arriba" y el significado (sdo.) abajo; espesa la barra que los separa (homologándola a la censura entre [consciente](#), y lo [inconsciente](#)), luego hace desplazar al significado y dice 'debajo del Significante... Hay... nada.

Para el sentido común, el concepto de Lacán puede resultar difícil de entender y aceptar. Puede servir para aclarar la cuestión, considerar que Lacan quiere decir que el pensar está constituido básicamente por significantes que cambian continuamente de significado. Por tanto, el psicoanalista debe, en muchos casos, dar mayor importancia al significante (el fonema u otra representación hecha por la persona durante el análisis) que al "supuesto" significado. Una persona durante un psicoanálisis puede usar un significante creyendo a nivel consciente que le está dando un significado, sin embargo, muchas veces ese significante remite -y es lo que importa- a otros significados que de momento son inconscientes.

Más aún, el pensar humano, estaría privilegiadamente configurado por significantes y estos tendrían una materialidad capaz de soportar a cada significado.

Obtenido de "<http://es.wikipedia.org/wiki/Significante>"

³ Este sonho Autodidasker está no Cap VI – A Elaboração dos sonhos, no item A) Sobre o Trabalho de Condensação pp. 319-322 in A Interpretação dos Sonhos. Ed IMAGO Standard 1972.

Em ANZIER, Dider. A Auto-Análise de Freud. Há uma interessante análise (pp 286) in A Auto-análise de Freud. Ed Biblioteca Artes Médicas,1989.

⁴ Homonímia [Do gr. *homonymía*, pelo lat. *homonymia*.] Substantivo feminino. E. Ling. 1. Qualidade do que é homônimo. 2. Identidade fonética entre formas de significado e origem completamente distintos, como entre *são*, presente do verbo ‘ser’, e *são*, ‘santo’. 3. Na escrita, palavras que têm a mesma pronúncia, e igual grafia (como *fálacia*, ‘qualidade de falaz’, e *fálicia*, ‘falatório’) ou grafia diferente (como *lasso*, ‘cansado’, e *laço*, ‘laçada’). in Dicionário Aurélio.

⁵ Metonímia [Do gr. *metonymía*, pelo lat. *metonymia*.] Substantivo feminino. 1. E. Ling. Tropo que consiste em designar um objeto por palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito (*trabalho*, por *obra*), de continente e conteúdo (*copo*, por *bebida*), lugar e produto (*porto*, por *vinho do Porto*), matéria e objeto (*bronze*, por *estatueta de bronze*), abstrato e concreto (*bandeira*, por *pátria*), autor e obra (um *Camões*, por um *livro de Camões*), a parte pelo todo (*asa*, por *avião*), etc. [Sin.: *transnomação*. Cf. *sinédoque*.] in Dicionário Aurélio.

⁶ Onomástica [F. subst. do adj. *onomástico*.] Substantivo feminino. 1. Estudo e investigação da etimologia, transformações, morfologia, etc., dos nomes próprios de pessoas e lugares. 2. Lista ou catálogo de nomes próprios; onomástico: “— Joaquim, tu passas agora a chamar-te André. Vai lá para dentro. | Fê-lo João, fê-lo Manuel, percorreu toda a onomástica latina, grega, conseguindo ter sempre o mesmo ruim criado” (Machado de Assis, *A Semana*, II, p. 69). 3. Explicação desses nomes; onomástico. 4. Antrop. Conjunto de regras, práticas e representações que, em cada sociedade ou cultura, estão associadas à atribuição de nomes [v. *nome* (2)] aos indivíduos. in Dicionário Aurélio.

⁷ O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica. Ed. Zahar 1987

⁸ Totem e Tabu - Alguns Pontos de Concordância Entre a Vida mental dos Selvagens e dos Neuróticos (1913[1912-13]) FREUD, Sigmund. IMAGO. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII